O Estado de São Paulo
03/04/94 - caderno 2

3

Taquigraf
Dat
Parte
Continua

MEMÓRIA

Livro relembra tragédia de Sônia Angel

A vida da militante da Ação Libertadora Nacional é contada pelo pai, coronel da Reserva

MAURO DIAS

Raimundo Valentim

João Luiz de Moraes e o retrato de Sônia: contra a história oficial

RIO — Sônia Maira de Moraes Angel tinha 27 anos quando morreu, em 1973. Pertencia a um movimento armado que lutava contra o regime militar, a Ação Libertadora Nacional (ALN), e estava na clandestinidade. A versão oficial da morte dizia que havia enfrentado a tiros uma tropa de segurança do Exército. Seus pais — o coronel da reserva do Exército e professor João Luiz de Moraes e a professora Cléa Moraes — acreditaram na versão durante cinco longos anos, durante os quais evidências acumulavam-se, indicando que a história real diferia da oficial. A vida do professor Moraes e de dona Cléa voltou-se para a busca desta de outras histórias reais envolvendo mortos e desaparecidos do regime de 64. Desta busca resultou o grupo *Tortura Nunca Mais* e gerou ainda o livro *O Calvário de Sônia Angel - Uma História de Terror nos Porões da Ditadura*, agora lançado. Narrado por João Luiz de Moraes ao jornalista Aziz Ahmed, o livro recupera a história. "Fazê-lo era um dever de pai e cidadão", resume o professor.

João Luiz e Cléa formam um casal afável, na casa dos 70 anos, que à primeira vista não deixaria perceber o drama vivido incessantemente. São simpáticos e sorridentes. Moram numa bela casa em São Conrado, na Zona Sul — e nas paredes e sobre os móveis estão retratos de Sônia, a filha torturada e morta. "Bonita moça, não é mesmo? Parece comigo", brinca João Luiz, ao lado de um óleo enorme com o busto da filha, retratada aos 18 anos. Não há traço de morbidez no humor. "A maneira de resistir ao sofrimento foi enfrentá-lo e jamais deixar de falar dele, e por isto sobrevivemos", simplifica dona Cléa. A história deles, antes da tragédia, é semelhante à de muitos brasileiros de sua faixa de idade. Foram simpatizantes do integralismo, na adolescência, e apoiaram o golpe

SEGUNDO O PAI, ELA ERA CONTRA A LUTA ARMADA

o Castelo Branco ficaria um ano e passaria o poder", diz João Luiz, que está na reserva desde 63.

Sônia Angel entrou para o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) em 1968. "Ela era contra a luta armada", conta o pai. Em 1º de maio de 1969 foi presa, na Praça Tiradentes, Centro carioca. Permaneceu na cadeia quatro meses, sendo enfim julgada e inocentada pela Justiça Militar. Mas *inocentada* formalmente. João Luiz, que sabia das atividades da filha, diz que ela passou a ser perseguida. Acabou sendo expulsa da Faculdade Nacional de Economia. A família a ajudou a fugir — Paris, primeiro, onde lecionou português e estudou na Universidade de Vincennes — e depois Chile. Seu marido, Stuart Edgar Angel Jones, também engajado na luta contra a ditadura, ficara no Brasil. Stuart era filho da estilista Zuzu Angel, famosa e respeitada, amiga de gente influente como dona Iolanda Costa e Silva, mulher do segundo presidente militar. Do Chile, Sônia soube da morte de Stuart, em 1971, num quartel da Aeronáutica: fora obrigado a respirar os gases tóxicos do cano de escapamento de um veículo militar. Sônia voltou, agora engajando-se no movimento armado da ALN. Foi presa, torturada e morta. Zuzu Angel tentou por todos os meios elucidar e denunciar a morte do filho. No auge da luta, em 14 de abril de 1976, sofreu um acidente de automóvel, jamais explicado, e morreu.

João Luiz de Moraes, pelo texto impecável de Aziz Ahmed, retoma os fatos do início ao fim. Desce, sem apelar para patético, a detalhes sórdidos — entrevistas com legistas e autoridades, desmentidos e informações falsas, atestados de óbito falsificados: ele e dona Cléa exumaram seis vezes o corpo de Sônia, para repetidas perícias e reconstituições do crime. Há muito sabem quais foram as circunstâncias — a foto da capa, impressionante máscara mortuária, somente há um ano recolhida dos arquivos do Dops, fala por si. Não pretendem recuperar Sônia, mas o sentido de sua vida.